



VOZ de ANTAS



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

Ser Família Cristã, Hoje – 8

O aborto, questão de cultura e civilização (1)

Vamos ser chamados, em breve, a participar num novo referendo sobre a liberalização do aborto. Os católicos têm o dever estrito de não se alhearem desta questão. Por isso, iniciamos neste número de «Voz de Antas» algumas reflexões que serão continuadas no próximo número.

1. O que está em causa. Não é a «despenalização» do aborto. Traduzindo em factos a linguagem politicamente correcta da pergunta formulada pelos deputados, o resultado é: «Até às dez semanas de gestação, a mulher grávida tem o direito de mandar matar, num hospital público ou numa clínica privada, o filho que traz em si?». Nem mais nem menos. Trata-se de um ser humano que pode ou não ser morto, legalmente e com o apoio do Estado (ou seja: de todos nós), simplesmente porque a mulher que o está a gerar assim decide. É demasiado brutal, esta linguagem? Matar um ser humano, em qualquer fase da sua existência, é muito mais brutal.

2. O «sim». Há quem defenda com toda a convicção que *sim, até às dez semanas de gestação, a mulher grávida tem direito a mandar matar o filho que está a gerar.* Fazem-no por diversos motivos, mas todos eles entroncam numa mesma posição: a defesa da liberdade individual como valor absoluto. Esta ideologia, aplicada sem restrições no caso do aborto, traz consigo, obviamente, a imposição da lei do mais forte – sendo a criança em gestação o lado mais fraco: não se pode defender, nem sequer pode falar de modo audível a seu favor... Conscientes deste facto, os promotores da liberalização do aborto preferem falar de «despenalização» e de «interrupção voluntária da gravidez»... Para eles trata-se sempre de um «feto», «um embrião», como se fosse uma coisa que se pode deitar fora, e não uma criança, um ser humano perfeitamente individualizado, na fase inicial do seu desenvolvimento, que só terminará na morte.

Continua na pág. 2

PRESENTES DE NATAL

Neste Natal, podemos oferecer algo de muito valioso: oferecer-nos a nós próprios.

- Oferecer o nosso tempo, para escutar quem vive connosco;
- Oferecer o nosso optimismo e alegria a quem vive desanimado e triste;
- Oferecer a nossa ajuda fraterna a quem dela necessita;
- Oferecer o nosso perdão a quem nos ofendeu e ainda não perdoamos;
- Oferecer a nossa escuta ao idoso que repete as mesmas histórias;
- Oferecer a nossa esperança em Jesus, que dá sentido à nossa vida.

**Tudo isto não custa dinheiro
e dá felicidade aos outros.**

ESTA CORUJA É UMA POMBA

Página 4

**“Família Solidária”
Tema pastoral para 2007**

Página 7

**Grupo de Jovens
“Esperança” fez 18 anos**

Página 8

ÁGUA DO MONTE

No dia 26/09/2006 reuniram-se os consortes da água do monte (juca), na sede da Junta de Freguesia de Antas, com a presença do Sr. Presidente da Junta António "Lindinho", que aceitou aos vários pedidos.

Os consortes elegeram uma comissão administrativa por um ano:

Presidente: Joaquim Augusto da Costa Cruz Dias

Secretário: Avelino Pereira Neiva

Tesoureiro: António Dias Freitas

Todos esperam que esta comissão gira da melhor forma a água, para todos os seus consortes sem distinção.

Avelino Neiva

Pastoral Familiar de Antas

Casal Presidente:

Arlindo Torres Arezes
Ana Paula Sá Machado
Arezes

Adão Viana do Vale
Rosa Maria Santos da Torre

Manuel Ernesto Neiva e Sá
Isabel Cristina S. da Torre Sá

Casal Secretário:

Avelino Pereira Neiva
Maria Elisabeth R. A. Neiva

Manuel Fernando Torres Arezes
Maria Fernanda N. Cruz Arezes

Casal Tesoureiro:

Rui Manuel R. Sousa Caseiro
Alda Maria Neiva Viana

Luís Portela Martins Meira
Maria Caramalho Pires Meira

José Joaquim Ferreira Ledo
Maria Pires V. Ferreira Ledo

Floriano Barros S. Salgueiro
Natália Margarida C. Penteadó

Bernardo Pires Viana
Maria Isabel Viana Sampaio

Carlos Viana da Cruz
Maria Paula A. Pereira da Cruz

António Emílio da Cruz Viana
Maria Elisabete Santos da
Torre Viana

Fernando Barros Pereira
Maria Inês Gonçalves de Meira
Torres Pereira

Paulo Jorge Martins Faria
Rosa Albina Almeida Maranhão

Mário e Helena Poças celebraram as Bodas de Prata

Vinte e cinco anos depois de terem dito o "sim" pela primeira vez, Mário Neiva da Silva Poças e

Marias Helena Viana Cruz Alves Poças renovaram os seus votos de casamento no mesmo local onde o tinham feito em 1981.

Foi no passado dia 25 de Julho, na Igreja S. Paio de Antas, que o casal celebrou as Bodas de Prata com uma cerimónia religiosa que pretendeu homenagear um quarto



de século de vida em comum. Na ocasião estiveram presentes vários familiares e amigos, que fizeram questão de testemunhar a renovação dos laços deste amor, numa data que merece ser recordada e festejada.

Dos muitos momentos vividos em conjunto ao longo dos últimos vinte e cinco anos deste casamento, há a destacar duas datas marcantes: 5 de Abril de 1985 e 4 de Maio de 1987, os dias em que nasceram, respectivamente, o Nuno e a Tânia, filhos do casal, que vieram fortalecer ainda mais esta união.

Ser Família Cristã, Hoje – 8

O aborto, questão de cultura e civilização (1)

cont. da 1ª pág.

3. O «não». Há também quem diga convictamente *não, até às dez semanas de gestação, a mulher grávida não tem o direito de mandar matar o filho que está a gerar.* Fazem-no por diversos motivos, mas todos eles entroncam num mesmo ponto de partida: a vida humana como valor inegociável, do qual dependem todos os outros valores, incluindo a liberdade individual. No caso do aborto, isto leva a colocar o direito à vida da criança em gestação sempre em primeiro lugar, face a quaisquer outros direitos ou pseudo-direitos. E é por isso que consideram dever do Estado a protecção das crianças ainda não nascidas, através de leis adequadas. Consideram também que a sociedade se deve organizar, não para promover o aborto, mas para proteger a maternidade, ajudando as grávidas com dificuldades económicas ou de outro tipo...

4. E os católicos? Não podem, em consciência, fugir a este debate, pelo qual passa a edificação de sociedades mais humanas e mais dignas do homem. E a sua resposta no referendo só pode ser «*não*», como explicaremos no próximo número de «Voz de Antas».

Elias Couto

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253871438 / 253871887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 18861/84

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO-Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.web.pt - tipoprado@mail.telepac.pt

C A T E Q U E S E

No dia 30 de Setembro iniciou-se o novo ano de catequese. Às dezassete horas e trinta minutos teve lugar a abertura do ano de catequese, no salão paroquial. Aos pais e crianças presentes, através de uma apre-

sentação em power point, deu-se a conhecer o tema diocesano do ano pastoral catequético: Catequese - família e comunidade. Fez-se uma breve análise do papel que cada elemento da comunidade deve desempenhar na catequese e enumeraram-

se as dificuldades que os catequistas enfrentam no desempenho da sua missão. Como solução para os problemas actuais pediu-se a colaboração e empenho de todos.

Por fim, teve lugar a apresentação do programa para o ano de catequese,

com especial relevo para a programação de sessões de catequese com a presença dos pais e dos filhos.

De seguida as catequistas de cada ano de catequese reuniram-se com os pais e crianças do seu grupo para se apresentarem e falarem sobre o desenvolvimento das sessões referentes a cada ano.

Às dezanove horas teve lugar a celebração da eucaristia de abertura do ano de catequese. Pena que, apesar de tudo o que tinha sido dito anteriormente, foram muitos os pais, adolescentes e crianças que não participaram na Eucaristia. Assim não tem sentido...

Para que seja do conhecimento de todos aqui fica o programa do ano de catequese e a sua calendarização:

De referir que a festa da Eucaristia/primeira comunhão terá lugar no dia do Corpo de Deus (7 de Junho).

Nos dias 26 e 27 de Dezembro tem lugar, nesta paróquia, o Lausperene. Os diferentes anos de catequese, como já é habitual, terão o seu tempo de adoração esperando-se a presença de todas as crianças e adolescentes assim como de seus pais.

	Sáb	Actividade	Dom.	Actividade
Setembro	23		24	
	30	Abertura do ano de catequese		
Outubro	7		8	
	14	reunião de catequistas	15	
	21	Dia das missões (10º ano) sessão de catequese para pais e filhos	22	
	28	6º ano - sessão de catequese para pais e filhos	29	
Novembro	4	3º ano (sessão de catequese pais e filhos)	5	
	11	1º ano - sessão de catequese pais e filhos	12	
	18	2º ano - sessão de catequese pais e filhos reunião de catequistas	18	
	25	Festa de Cristo Rei (7º ano) sessão de catequese pais e filhos	26	Festa de Cristo Rei (9º ano) sessão de catequese pais e filhos
Dezembro	2	Advento (8º ano) sessão de catequese pais e filhos	3	Advento (4º ano) sessão de catequese pais e filhos
	9	Festa da luz (3º ano) pais e filhos Reunião de catequistas	10	Advento (5º ano) sessão de catequese pais e filhos
	16	Festa de natal	17	
Janeiro	6	Início do 2º período	7	Início do 2º período
	13		14	
	20	Reunião de catequistas	21	
	27	7º ano - sessão de catequese pais e filhos	28	
Fevereiro	3		4	
	10	2º ano - sessão de catequese pais e filhos	11	
	17	Reunião de catequistas	18	
	24	Quaresma - (1º ano) sessão de catequese pais e filhos	25	Quaresma (4º ano) sessão de catequese pais e filhos
Março	3	Quaresma (6º ano) sessão de catequese pais e filhos	4	Quaresma (5º ano) sessão de catequese pais e filhos
	10	Quaresma (3º ano) sessão de catequese pais e filhos Reunião de catequistas	11	Quaresma (9º ano) sessão de catequese pais e filhos
	17	Quaresma (8º ano) sessão de catequese pais e filhos	18	Dia do pai
	24	Quaresma (10º ano) sessão de catequese pais e filhos	25	
	31	Comunhão pascal		
Abril	14	Início do 3º período	15	Início do 3º período
	21	Reunião de catequistas	22	4º ano - sessão de catequese (pais e filhos)
	28	Dia do bom pastor (convívio de cat.)	29	
Maio	5	2º ano - sessão de catequese pais e filhos - 10º ano - sessão de catequese pais e filhos	6	Dia da mãe
	12	3º ano - sessão de catequese pais e filhos (1º ano) sessão de catequese pais e filhos	13	9º ano - pais e filhos sessão de catequese (5º ano) sessão de catequese pais e filhos
	19	8º ano e 7º ano - sessão de catequese pais e filhos	20	4º ano - festa da palavra
	26	Festa da ave Maria	27	9º ano - festa do espírito
Junho	2	Festa do pai nosso (1º ano) 6º ano pais e filhos	3	Festa da fé (5º ano)
	9	Festa do perdão (2º ano)	10	
	16	Festa da vida (8º ano)	17	Festa das bem aventuranças (7º ano)
	23	Festa do envio (10º ano)	24	Profissão de fé (6º ano)

ESTA CORUJA É UMA POMBA

Aos missionários espíritanos de Antas

Há uns bons 50 e tantos anos, esperava-se com impaciência a festa de mais uma Missa Nova. Seria no domingo a seguir à Páscoa, o chamado “da Pascoela”. Um filho da freguesia acabara de ser ordenado sacerdote lá longe, em Lisboa. Ainda faltavam muitos dias para a festa mas já o povo se mobilizara para lhe dar brilho, seguindo as instruções do zeloso pároco, o qual, desde a ordenação, repetira as suas recomendações domingo atrás de domingo antes do “Ite, missa est”: fiéis em peso na cerimónia; todos à Comunhão aproveitando as confissões da desobriga; muita compostura; associações e irmandades com as suas bandeiras, etc., etc. Um pedido especial às crianças da catequese: que contribuíssem, tanto quanto pudessem, para um belo Ramalhete Espiritual a oferecer ao jovem padre missionário. Para tal, cada uma iria apontar num papelinho quantas missas ouviu (nesse tempo “ouviam-se” as missas), quantos terços rezou, quantas jaculatórias disse, quantos sacrifícios fez. No fim somava-se tudo e o resultado seria comunicado ao feliz contemplado, numa linda folha de papel.

O tempo passou lentamente, por fim a comprida e lúgubre Quaresma esgotou-se, a alegre visita pascal correu como de costume e, agora, era altura de meter mãos à obra. Faltavam apenas dois dias para a festa.

Os caminhos por onde iria passar o cortejo, de casa do neo-sacerdote para a igreja, já tinham sido limpos pelos vizinhos; as raparigas da Acção Católica afadigavam-se a colher flores para os tapetes que os rapazes iriam fazer na noite seguinte; a fábrica de pirotecnia já tinha enfeitado umas dúzias de foguetes, dos melhores; as cantoras ensaiaram os cânticos pela última vez, até à afinação perfeita; o mestre da banda, que ensaiara uma marcha nova, mandou arear os instrumentos; o chefe dos escuteiros exigiu as fardas lavadas e engomadas, lenços, meias e jarreteiras rigorosamente colocados, peito para fora e barriga para dentro na formatura; às crianças da catequese, para além do recado de trazerem as faixas da Cruzada imaculadas e bem passadas a ferro, exigiram-lhes já as catequistas que, com urgência, entregassem os papéis devidamente preenchidos.

O Sr. Reitor estava tranquilo. O jovem missionário iria, com certeza, ver os lindos tapetes de flores, tão lindos que nem os iria querer pisar; iria aterrar-se com o forte estampido dos foguetes; iria apreciar o afinamento das vozes das cantoras; iria enleiar-se com os sorrisos apazíveis das moças que lhe atirariam flores; iria ofuscar-se com o brilho dos instrumentos da banda; iria impressionar-se com o garbo dos escuteiros; iria deleitar-se com os olhares doces das inocentes crianças da Cruzada. Corria tudo bem...

De repente, sobressaltou-se. Duas catequistas traziam-lhe agora os totais das missas, terços, jaculatórias e sacrifícios. Como daria ele conhecimento ao novo colega daqueles números verdadeiramente astronómicos? Como era possível que se tivesse esquecido de mandar passar ao papel aquele tão recomendado contributo das crianças para o brilho da festa?

Para resolver urgentemente tão grande problema, chamou os jovens estudantes da terra, ainda em férias da Páscoa. Que passassem o resultado da devoção das crianças, em letras e algarismos bem desenhados, para uma alva folha de papel. Deu-lhes duas para o caso de uma se estragar... Era sexta-feira, faltavam dois dias para a festa, e os estudantes que sim senhor, iriam juntar-se e, na manhã do dia seguinte, apresentar-lhe-iam obra digna de ser levada ao Ofertório da Missa Nova. Ficasse Sua Reverência descansado.

Naquela tarde reuniram-se sete deles na sala da casa daquele que era tido por mais habilidoso na difícil arte de desenhar e que, como perito na matéria, tinha sempre em seu poder papel e lápis, régua e esquadro, escantilhão e compasso, guaches e tinta de todas as cores. Cada um trouxe lápis e borracha de safar. Ideias não faltavam, o problema é que cada um queria impor a sua. Depois de muita discussão imperou a do filho do dono da casa, o tal mais habilidoso: ele mesmo oferecia uma folha de cartolina azul-bebé que, dobrada, serviria de capa e dentro dela iria a folha fornecida pelo pároco, também dobrada; na capa, para impressionar, a representação do Espírito Santo encimada por “RAMALHETE ESPIRITUAL” em letras maiúsculas. – “Não é fácil mas disso encarregome eu”, disse ele com ar suficiente. Uma dedicatória das crianças ao neo-sacerdote na primeira página do papel branco e, na quarta, a feliz data da Missa Nova. Eram só letras desenhadas a escantilhão, não custava nada. Nas do meio, um pouco mais difícil de executar, um ramalhete de flores; ao lado de cada caule subiria o nome de cada uma das devoções e, no centro da corola de cada flor, o número total da respectiva soma. Boa ideia! Dividiram tarefas, para as letras e para os números todos se ofereceram, para o ramo das flores todos se queriam esquivar mas, perante a reacção enfadada do da casa: – “não hei-de ser eu a fazer tudo, quem é que nunca desenhou uma flor?!” – dois deles, com ar de vítima, aceitaram a tarefa. Compenetrados das respectivas responsabilidades, começaram a trabalhar sentados à volta da mesa, o da casa à cabeceira, como lhe competia.

O tempo foi passando, o sol pôs-se atrás do mar e foi à frouxa luz eléctrica, instalada havia pouco tempo, que os das letras e os das flores deram o trabalho por concluído. A medo, foram mostrar o trabalho ao da cabeceira da mesa. – “Vá lá, não está mal...”, condescendeu com ar de mestre o desenhador do Espírito Santo.

Ele é que estava atrasado e parecia aflito. Nada lhe saía bem e a borracha de safar, de tanta emenda, estava quase no fim. Agora, sob os olhares críticos dos das letras e dos das flores, começou a ficar irritado. Todos metiam bedelho, ou era mais para a esquerda ou mais para a direita, ou mais para cima ou mais para baixo. A dona de casa, inquieta com tanta demora, também viera espreitar a azáfama dos estudantes e, vendo que a coisa estava demorada, chamou-os à cozinha onde pusera, em cima da mesa, uma caneca, caldo em malgas, umas sardinhas fritas, tremoços, azeitonas e broa. O filho pediu desculpa,

não tinha fome, mais tarde iria à cozinha. Os colegas que fossem comendo... Aliviado, fechou a porta da sala e, agora sozinho, aproveitou a pausa dada pelos críticos e continuou a tarefa. Depois de muito riscar e de muito safar, com um "huf!", deu a obra por concluída. Não totalmente satisfeito mas achando-a agora aceitável, chamou os colegas. Estes precipitaram-se a ver o resultado. Observaram o desenho, olharam uns para os outros, torceram o nariz, voltaram a olhar... Não! Aquela pomba estava um desastre!

Ambiente tenso... Para desanuviar, um dos circunstantes alvitrou que, para pôr fim ao impasse e a possíveis dúvidas, por debaixo do desenho se escrevesse em lindas letras maiúsculas a seguinte frase: **ESTA CORUJA É UMA POMBA**. Todos riram excepto o desenhador, e este, desagradado com o dito, alvitrou que o melhor era irem todos dormir e que amanhã, sim, amanhã pela fresquinha e com calma, faria novo desenho. Que aparecessem aí pelas onze da manhã, e todos juntos iriam entregar o Ramalhete ao Sr. Reitor.

Retiraram, apreensivos com a súbita falta de habilidade do "mestre". E este, ferido no seu orgulho, depois de forçado pela mãe a enganar o estômago com uma sardinha e um naco de broa, atirou-se de novo ao trabalho.

Agora sim, no silêncio da noite, com calma, recomeçaria a desenhar a pomba. Foi buscar outra cartolina e outra borracha, sentou-se à mesa, respirou fundo e começou a fazer novo desenho. Safou, corrigiu o traço, voltou a safar, voltou a corrigir, bocejou, voltou a safar, bocejou mais uma vez e, por segundos, segurou a cabeça entre as mãos. Sem querer, fechou os olhos e poisou a cabeça em cima do desenho. Acordou sentindo na cabeça o afago da mão carinhosa da mãe. Que se fosse deitar, já era quase meia-noite, amanhã pela fresquinha acabaria o desenho. E ele, cambaleando, lá foi para a cama.

Sonhou que estava numa aula de desenho, os alunos eram ele e algumas corujas vaidosas e barulhentas. O professor, um velho mocho de óculos enormes, mandara desenhar o modelo, uma pomba branca pacientemente

imóvel em cima duma mesa. As corujas, que desenhavam que era um primor, piavam constantemente mal lhe permitindo ouvir as sábias instruções do mestre-escola. Além do mais olhavam escarninhamente para ele que nem um risco conseguira ainda traçar no papel. Sentia-se humilhado.

Quando acordou já o sol ia alto. Não seria naquela manhã que entregariam o Ramalhete ao Sr. Reitor! A mãe acalmou-o, deu-lhe umas migas quentinhas, e ele, apreensivo, voltou ao trabalho. Quando os colegas chegassem, a mãe que lhes pedisse para virem depois do meio-dia, entretanto ele iria resolver aquilo da pomba. Parecia milagre, o traço era seguro, nem uma única vez precisou de safar. Sim senhor, lindo desenho! Entusiasmado, foi de casa em casa mostrar aos colegas a obra-prima. E eles, um a um, aceitaram a nova versão como boa, embora sem os rasgados elogios que ele esperava: – "Vá lá, não está mal...", diziam. Já não seria de manhã que entregariam o Ramalhete, mas às duas da tarde que estivessem em casa dele, sem falta! Combinado.

O Sr. Reitor esperava-os. O artista, confiado num "oh!" de satisfação, destacou-se do grupo e fez a entrega. O pároco, curioso, olhou a capa azul-bebé, franziu o sobrolho e exclamou:

– Esta pomba parece uma coruja!...

Quem soltou um "oh!", mas de desalento, foi o artista. E logo o Reitor, olhando as outras páginas, sorriu agradado. Voltou-se para o confuso estudante que lhe entregara o Ramalhete tão laboriosamente desenhado, pôs-lhe um braço por cima dos ombros e acrescentou:

– Estava a brincar contigo, rapaz, hoje de manhã soube pelos teus colegas do andamento do vosso trabalho e das dificuldades que tu próprio tiveste. O desenho da capa é o mais lindo do Ramalhete, gosto muito, parabéns. O neo-sacerdote vai gostar tanto dele como das missas, dos terços, das jaculatórias e dos sacrifícios das crianças da Catequese. Dá cá um abraço!

Duas lágrimas desprenderam-se dos olhos do rapaz e rolaram até ao chão.

Raul Saleiro

DONATIVOS PARA OS ESPAÇOS ENVOLVENTES DA CASA DA PAZ

A Paróquia recebeu mais os seguintes donativos para as obras dos espaços envolventes da *Casa da Paz*. A todos o nosso bem hajam.

Nome	Morada	Euros	Escudos
Albertina Gonçalves da Costa, em sufrágio do seu marido	Estrada	250 €	50.121\$00
Maria da Cruz Azevedo	Belinho	50 €	10.024\$00
P.e Domingos da Cruz Neiva	Azevedo	1.000 €	200.482\$00
Casal Anónimo	Belinho	51,94 €	10.413\$00
Anónimas	Monte	100 €	20.048\$00
Maria Isabel Gomes Moreira	Monte	250 €	50.121\$00
Anónima	Azevedo	50 €	10.024\$00
Alguém	Azevedo	250 €	50.121\$00
José Gregório	Guilheta	100 €	20.048\$00
Anónima	Guilheta	50 €	10.024\$00
Manuel Azevedo Viana, em sufrágio de sua esposa	Pereira	300 €	60.145\$00
Em memória e sufrágio de Manuel Laranjeira da Cruz, os filhos	Igreja	300 €	60.145\$00
Elsa e Rita Pereira	Guilheta	50 €	10.024\$00
Anónima, em sufrágio do seu marido	Monte	250 €	50.121\$00
Anónimo	Cima / Igreja	100 €	20.048\$00
Anónimo	Belinho	500 €	100.241\$00
Em memória e sufrágio de Maria da Conceição Meira, os filhos	Guilheta	300 €	60.145\$00

Continua no próximo número

Nas mãos de Deus...



Faleceu no passado dia 18 de Julho na cidade de Benguela Angola, **Cândido da Silva Poças** (conhecido pelo Cândido do Afonso), era o mais novo dos filhos de Manuel José Poças e Ana A. Rola Poças. Muito novo partira no ano de 1951 para Angola onde se radicou na cidade de Benguela, em busca de melhor

condições de vida. Em 1957 manda chamar a sua esposa "Rosa do Fiscal" (falecida em 2003 e sepultada em Benguela) conjuntamente com os dois filhos, o Fernando e o Ramiro. Aí nascem o Mário, o Adélio, a Fernanda e o Cândido.

Com o 25 de Abril, resolve permanecer em Angola, onde continuou a sua vida, apesar da guerra que viveu de perto.

Vem passar férias e matar saudades na sua terra natal no ano 1979. Em 1981 vem com a esposa e com os dois filhos mais novos Fernanda e Candinho ao casamento do seu filho Mário Poças com a Helena Alves. A última vez que esteve entre nós foi em Agosto de 1987, onde veio assistir ao baptizado da sua neta Tânia Filipa, filha do Mário e da Helena. Nesse ano em conversa com seus amigos de infância dá a entender que era a última vez que vinha a Portugal e assim foi.

Seus filhos, noras, netos e bisnetos agradecem a todos os amigos e conhecidos que de uma ou outra maneira expressaram os seus pêsames pela morte do Cândido do Afonso, a todos um obrigado.



Octávio Fernando dos Santos, nasceu a 01-07-1937, em Luzelos, Carrazeda de Anciães (Bragança). Era filho de agricultores, desde muito novo iniciou trabalhos na agricultura, ajudando os seus pais nas várias tarefas. Mais tarde aprendeu a arte de barbeiro, função a qual exerceu numa barbearia com

um dos seus irmãos, na vila onde nascera. Trabalhou como motorista com um tio, onde a principal actividade era a venda de peixe.

Casou em 1959 com Maria Augusta que morava na mesma freguesia onde nascera. A esposa que o iria acompanhar toda a sua vida.

Em 1960, tem o seu primeiro filho, e nesse mesmo ano devido ao regime que se vivia em Portugal, surge a oportunidade de emigrar para Angola, cidade de Luanda, e leva consigo a sua família. Em Angola, país que o acolheu construiu uma vida com os seus familiares, trabalhou primeiramente como barbeiro, seguida da função de motorista de táxis, e finalmente constituiu uma empresa

do sector automóvel juntamente com os familiares.

No ano de 1967, nasce o seu segundo filho na cidade onde vivia. Viveu intensamente durante quinze anos, mas no ano de 1975, as guerras coloniais eram iminentes, teve que abandonar o país que percorreu e bem conheceu, abdicar de tudo o que possuía, e trazer apenas boas memórias e grandes amizades. Ao voltar para Portugal, optou por continuar a exercer a função de motorista de praça, tendo um alvará nesse mesmo ano o estado de estacou-o para a freguesia de S. Paio de Antas.

Em 1977 nasce o seu terceiro filho na nova freguesia que o acolhera, e onde residiu até á data de 15-09-2006, data da sua morte súbita.

Durante trinta e um anos serviu a freguesia como motorista de praça de uma forma muito pessoal e atenciosa. Freguesia onde criou grandes amizades e respeito, foi para todos aqueles que o conheceram um bom homem, sempre com boas histórias vividas e com uma boa disposição sem igual.

Eternas saudades dos deus familiares e amigos.

Emílio da Cruz Neiva



No passado dia 13 de Julho, partiu para junto do Pai Emílio da Cruz Neiva, de 79 anos de idade. Filho de Avelino Gonçalves Neiva e de Maria Alves da Cruz, o "Emílio da Padaria" nasceu em S. Paio de Antas, no dia 15 de Novembro de 1927. Do primeiro casamento

do seu pai tinha cinco irmãos: Clara, Padre Domingos, Palmira (emigrante na Argentina), Basílio e Manuel. Da união matrimonial do seu pai, após ter ficado viúvo, com Umbelina Lourenço Faria, nasceriam mais três filhos: Lino (já falecido), Matilde e Miguel.

Emílio Neiva contraiu matrimónio com Maria Valentina Gonçalves Torres Viana, de quem teve três filhos: Manuel, Prazeres e Alcino, que lhes deram oito netos.

Em 1956, viu-se na contingência de emigrar para Angola. Mais tarde, partiu para Moçambique, onde se estabeleceu por **conta própria** como padeiro. Por lá se manteve até 1974, altura em que regressou à sua terra natal, passando a assumir a gerência da Padaria Vitória, propriedade de seu pai, que explorou até ao início do ano 2000.

Em Maio de 2005, sofreu um rude golpe ao ver partir para junto de Deus a sua companheira. Com o agravamento dos seus problemas de saúde, acabaria por falecer, no passado mês de Julho, no Hospital de Barcelos, sendo levado a sepultar no dia seguinte, no cemitério paroquial, em grande manifestação de pesar. Paz à sua Alma.

No dia 24 de Outubro faleceu na sua residência, vítima de doença prolongada, **Manuel Laranjeira da Cruz**, com a idade de 74 anos. Era filho de: Domingos Alves da Cruz e de Albina Gomes Laranjeira.



Desde cedo conheceu as amarguras da vida, fica orfão de mãe aos 7 anos de idade, casou 1959 com Maria da Conceição Moreira de Faria de cuja união nasceram cinco filhos dos quais dois já partiram para junta de Deus.

O Senhor chamou-o à sua presença.
Que a sua alma descanse em paz.

No dia 29 de Setembro pelas 07.00 horas da manhã, faleceu no Hospital de Viana do Castelo, **Maria da Conceição Meira**, mais conhecida pela Quinhas da Chasca. Era natural desta freguesia de Antas, lugar de Guilheta, onde viveu até aos setenta e nove anos de idade. Era mãe de seis filhos,



quatro radicados nesta freguesia, um em Castelo do Neiva e uma em França. Não teve uma vida fácil para criar os seus filhos, o marido era pescador de profissão, ela trabalhava no campo, e oito pessoas a comer vestir e educar nos anos cinquenta / sessenta, era difícil. O marido teve que imigrar para França, onde por lá andou durante vinte anos.

Ficou viúva em Janeiro de 1985, o marido: José Vicente Pereira, natural de Castelo do Neiva, faleceu em França, tendo sido trasladado para o cemitério de S. Paio de Antas.

Há anos que tinha uma tosse bastante esquisita e que a levou a consultar um médico, mas a verdade é que a resposta foi: isto com o tempo passa. Com a continuação, foi-se agravando e começou por ter problemas de respiração. Novamente ao médico e há quase um ano que usava um aparelho de oxigénio para poder respirar normal. Se por um lado ficava aliviada da respiração por outro afectava-lhe os pulmões. Deu entrada no Hospital de Barcelos onde pernitoou uma noite, no dia seguinte mandaram-na para casa, mas no dia seguinte baixa ao Hospital de Viana do Castelo e de manhã pelas sete horas da manhã, entrega a alma a Deus.

Os filhos e todos os familiares agradecem a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, à missa do sétimo e trigésimo dia.

Deus dê paz à sua alma, que descanse em paz.

“Família Solidária” Tema pastoral para 2007

A família continua no centro das atenções da Pastoral Familiar de Antas. Obedecendo ao plano diocesano da pastoral, o tema do próximo ano será “Família Solidária”.

“Queremos ser família diocesana, família paroquial solidária com todas as famílias, partilhando, como companheiros de viagem, as coisas simples e essenciais da vida, descobrindo soluções para os problemas que provocam tanta angústia nas nossas famílias e ajudando-as a serem a boa notícia para o mundo de hoje”, refere D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga no Boletim “Correio da Família”, de Outubro. Assim a Pastoral Familiar da nossa paróquia continua imbuída neste espírito de solidariedade, dando de si em prol dos outros, na certeza de que com pequenos gestos e acções estamos a contribuir para a promoção da família.

Mais do que um grupo de trabalho, a equipa da Pastoral Familiar é uma família. E como família que somos gostamos de estar reunidos. E temo-lo feito. No passado mês de Setembro passado organizamos um piquenique com os nossos familiares mais próximos. Pequenos e grandes partilharam do mesmo espírito de alegria e convívio, naquela que foi mais uma oportunidade para nos conhecermos melhor e tomar mais estreitos os laços que nos unem. Foi um dia verdadeiramente inesquecível! Mais recentemente, festejamos, igualmente em grupo, o dia de S. Martinho, com um Magusto.

Entretanto, com o aproximar do novo ano, houve necessariamente que programar as actividades a levar a efeito em 2007, de acordo com o plano do Conselho Pastoral Diocesano. Mas não poderíamos deixar terminar o ano em curso deixando passar em branco o Dia da Sagrada Família, que se assinala a 31 de Dezembro. Celebraremos esse dia na véspera, sábado, na missa vespertina.

Cumprindo o calendário de actividades para o próximo ano, iremos assinalar o Dia do

Batismo, a 2 de Fevereiro, convidando para a celebração eucarística todos quantos foram baptizados entre o dia 2 de Fevereiro de 2006 e a mesma data de 2007. Assinalaremos também o Dia dos Namorados, que se festeja a 14 de Fevereiro.

Em Março, como não poderia deixar de ser, iremos comemorar o Dia do Pai, entregando uma lembrança a todos os pais, o mesmo acontecendo com as mães, no Dia da Mãe, tradicionalmente celebrado no primeiro domingo do mês de Maio. Também no mês de Maio, assinala-se, no dia 15, o Dia Internacional da Família. Contudo, embora este dia constituísse uma oportunidade para reunir os casais jubilados em 2007 – que completam 25 ou 50 anos de casamento – a Pastoral Familiar entendeu fazer essa festa no Dia da Sagrada Família, a 31 de Dezembro, encerrando deste modo o ano.

A nossa equipa vai também assinalar, no mês de Maio, a Semana da Vida, que se celebra entre os dias 13 e 20.

À semelhança do que já aconteceu este ano, iremos também festejar o Dia dos Avós, a 28 de Julho, com uma festa para todos os avós.

Apesar de não fazer parte do plano de actividades da pastoral diocesana, o nosso grupo tem em perspectiva realizar um passeio-convívio com as pessoas viúvas da nossa paróquia, dando cumprimento a uma promessa que havíamos feito e proporcionando, desta forma, um dia diferente a todos quantos aceitarem o nosso convite.

Ainda no próximo ano, estamos igualmente a pensar efectuar a visita natalícia aos doentes da nossa paróquia, do dia 17 de Dezembro.

Será, com toda a certeza, um ano marcado pelo espírito de solidariedade que queremos fazer chegar a todas as pessoas da nossa paróquia, jovens ou menos jovens. Estamos certos de que estaremos à altura de ser uma “Família Solidária”.

Bel Viana tem 2 Músicas na Telenovela da TVI Doce Fugitiva

Bel Viana tem 2 Músicas do seu CD "É tempo" na banda sonora da nova telenovela da TVI, *Doce Fugitiva*, que estreou no passado dia 22 de Outubro e passa em horário nobre, depois das 9 horas da noite. Trata-se das músicas "Nunca me esqueci" e "Hoje posso tudo", n.º 1 e 7 do



disco, respectivamente. Ambas as letras são da autoria da Bel Viana; a música da primeira também é sua e a de "hoje posso tudo" é do compositor português Artur Guimarães.

São duas canções com letras muito expres-

sivas e eloquentes, que caracterizam ensejos que a autora personificou. A primeira, "Nunca me Esqueci", reflecte os sentimentos de saudade e sofrimento causados pela perda de seu pai, Manuel de Faria Viana, nosso ilustre e querido conterrâneo, que ocorreu tragicamente em 21 de Novembro de 2000. É uma singela e harmoniosa homenagem e, ao mesmo tempo, a dedicatória de todo o CD. A outra canção, "Hoje Posso Tudo", reflecte a elevação da auto-estima individual, a luta psicológica por não se deixar abater por quaisquer agruras e asperezas da vida e pelo sentimento de tristeza que, de vez em quando, nos invade a qualquer um.

No seu sítio da internet (www.belviana.com), Bel Viana afirma que quis dar-se a conhecer através das letras das suas canções e dos diferentes estilos de música e, contra quase tudo e todos, quis colocar parte dos estilos que a "tocam", "correndo o risco" de ter um trabalho sem uma linha condutora. Afirma mesmo que: "Adoro os riscos no mundo da música, mas, mesmo que não gostasse, faria tudo da mesma forma: desde reggae, hip hop, baladas, popjazz, pop ao rock, usando o Português, que amo, o Inglês, que me dá gozo, e o Espanhol, pela experiência, fazendo o meu CD... Sou eu... A Bel Viana..."

No link da discografia do seu site (www.belviana.com/discografia.html),

também se podem consultar as letras de todas as suas canções editadas, bem como ouvir e saborear a melodiosa voz de Bel Viana e a harmonia de cada canção.



Grupo de Jovens "Esperança" fez 18 anos

O Grupo de Jovens "Esperança" fez, no passado dia 16 de Outubro 18 anos de existência. A efeméride festejou-se no dia 21 de Outubro com uma missa de aniversário, na presença dos elementos do Grupo, dos seus familiares e restantes paroquianos. O momento foi de festa e de agradecimento a Deus por mais um ano de vida pastoral, repleto de actividades e cheio de dinamismo. A eucaristia serviu para o Grupo renovar a "Esperança" de ver os jovens empenhados na vida da paróquia e no seu crescimento a todos os níveis, de um modo especial a vivência da fé viva e esclarecida. O Ofertório foi enriquecido pela participação de representantes da L.I.A.M., da Pastoral Familiar, dos Grupos Corais e da Catequese, que fizeram questão em marcar presença junto do Grupo de Jovens neste dia festivo, dando exemplo de que Igreja significa congregação e união.

No dia seguinte, dia 22 de Outubro, o Grupo preparou uma descida do rio Neiva em canoas, seguido de almoço convívio, de forma a assinalar o seu aniversário.

À hora marcada e sob a ameaça de chuva, começamos a aventura. Após alguns minutos começou a chover com bastante intensidade o que tornou o momento ainda mais radical. Percorridos cerca de 2 km, fomos obrigados a terminar a descida em canoa, devido ao excesso de caudal e à fúria da água. Em pouco tempo o caudal do

rio subiu quase um metro.

Depois de gastar energias, nada melhor que um bom repasto seguido de convívio. Ao meio-dia dirigimo-nos para o Salão Paroquial para almoçar e aí estivemos até ao final da tarde.

GRUPO DE JOVENS – "ESPERANÇA" PLANO DE ACTIVIDADES PARA 2006/2007

- 23/09/2006 – Início das actividades
- 13/10/2006 – Curso de animadores no CAFJEC
- 21/10/2006 – XVIII Aniversário do Grupo de Jovens
- 11/11/2006 – Magusto
- 17/11/2006 – Curso de Jovens I no CAFJEC
- 02/12/2006 – Peditório para a festa do Menino
- 15/12/2006 – Elaboração do Presépio
- 17/12/2006 – Ceia de Natal no CAFJEC
- 23/12/2006 – Ceia de Natal do Grupo
- 06/01/2007 – Cantar as Janeiras
- 27/01/2007 – Festival dos Reis do CAFJEC
- 02/02/2007 – Curso de iniciação no CAFJEC
- 23/02/2007 – Curso de Jovens I no CAFJEC
- 24,25,26/02/2007 – Retiro em S. João D'Arga
- 04/03/2007 – Festa das Famílias no CAFJEC
- 18/03/2007 – Festival da Canção do CAFJEC
- 30/03/2007 – Páscoa Jovem
- 04/04/2007 – Páscoa Jovem
- 21/04/2007 – Encontro de animadores no CAFJEC
- 04/05/2007 – Fátima Jovem